



Uma alternativa socioambiental para nosso planeta

Recentemente a *Unctad*, organismo das Nações Unidas para promoção do comércio e desenvolvimento, divulgou que neste início de século, os países mais pobres, onde vivem cerca de 2,5 bilhões de seres humanos (cerca de 40% da população mundial), tiveram aumento da riqueza, expressa nas taxas de Produto Interno Bruto (PIB) e ao mesmo tempo, aumento das taxas de pobreza entre estas populações. Como explicar um mundo que fica mais rico e mais pobre, ao mesmo tempo?

Paralelo a isto, boa parte da humanidade foi despertada de seu sonho de riqueza infinita, via produção e consumo de mercadorias em massa, pelas conclusões do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas, que em linhas gerais diz que o planeta está mais quente, o que acarreta alterações drásticas no nosso modo de vida na terra, seja pelas ondas de frio ou calor intensas, pelos furacões, pelo derretimento das geleiras e as

conseqüentes inundações, entre outras catástrofes, que aliás, não podem ser qualificadas como naturais. Isto porque, concluem os estudiosos, que este aquecimento é causado pelo intenso uso de combustíveis fósseis, especialmente o petróleo.

Este combustível que move o mundo é a base de um modo de produção (capitalista), que só existe com base na propriedade privada, na concentração da riqueza, por meio da exploração do trabalho, mas que se materializa na produção de mercadorias, que em um primeiro momento visam à satisfação das necessidades de consumo, porém, quando atingem esta meta, passam a estimular o consumo fútil, de tudo que não é necessário, para atingir os objetivos de quem ganha com este sistema.

O enfrentamento das questões sociais e ambientais, apesar das especificidades, passa pelo questionamento global do sistema econômico em que vivemos. Não se pode frear o ritmo de poluição sem questionar a motivação da produção polui-

dora e este questionamento também leva a discutir a distribuição dos resultados. Em síntese, um planeta sustentável exige um consumo equilibrado, possível em uma sociedade justa, onde não existam grandes disparidades sociais (muitos pobres e poucos ricos).

Construir esta sociedade é tarefa complexa, mas pode começar com pequenos atos individuais: consuma só o necessário (você precisa mesmo de um celular novo?); procure produtos produzidos de forma ambiental e socialmente responsáveis, dando preferência àqueles oriundos da agricultura familiar ou de cooperativas e grupos de Economia Solidária. Mas estes atos devem ser amplificados, por meio da participação em espaços coletivos de discussão e ação, como sindicatos, associações, ONGs, movimentos sociais e ambientais, partidos políticos, buscando lutar por esta nova organização econômica, social e ambiental, que genericamente podemos chamar de alternativa socioambiental.